CAPISTRANAS DA GEOGRAFIA: O PATRIMÔNIO PENSADO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

CAPISTRANAS OF GEOGRAPHY: THE PATRIMONY THINKING THOUGHT FROM THE EXISTENTIAL PHENOMENOLOGY

CAPISTRANNAS DE GEOGRAFÍA: PENSAMIENTO PATRIMONIO BASADO EN FENOMENOLOGÍA EXISTENCIAL

Tiago Rodrigues Moreira

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

E-mail: tiagoufvjm@gmail.com

Letícia Carolina Teixeira Pádua

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

E-mail: leticia.padua@ufvjm.edu.br.

Resumo:
Diamantina, cidade entre morros mineiros, entre ouros e diamantes nas minas, no seu centro histórico a história é encarnada nos casarões imponentes do barroco. As capistranas são os olhos de Diamantina, é pela capistranas que o sujeito se movimenta. Diante disso então nos propomos a percorrer as capistranas dessa cidade. Então, no decorrer desse caminhar uma angustia nos colocou em estado de questionamento. Que é patrimônio? Que patrimônio é esse? Para quem o é? Pelas capistranas de Diamantina lançamos as perguntas norteadoras deste trabalho. Que é liberdade? Ao morar em uma cidade tombada como patrimônio histórico cultural, qual a relação que existe entre a liberdade e patrimônio? Qual a relação do lugar com o patrimônio? Pretendemos com este texto procurar uma possível contribuição de Sartre à Geografia que pode ser melhor explorada e, sobretudo, operacionalizada em termos metodológicos.

Palavras-chave: Liberdade, Lugar, Diamantina, Experiência.

Abstract:
Diamantina, a city between Minas Gerais hills, between gold and diamonds in the mines, in its historic center history is embodied in the imposing mansions of the Baroque. Capistranas are the eyes of Diamantina, it is through capistranas that the someone moves. Therefore we propose to go through the capistranas of this city. So during this walk an anguish put me in a state of questioning. What is heritage? What heritage is this? Who is it for? Through the capistranas of Diamantina I launch the guiding questions of this work. What is freedom? When living in a city listed as a cultural historical heritage, what is the relationship between freedom and heritage? What is the relationship of the place with the heritage? We intend with this text to look for a possible contribution of Sartre to Geography that can be better explored and, above all, operationalized in methodological terms

Keywords: Freedom, Place, Diamantina, Experience.

Resumen:
Diamantina, una ciudad entre las colinas de Minas Gerais, entre oro y diamantes en las minas, en su centro histórico, la historia está plasmada en las imponentes mansiones barrocas. Las capistranas son los ojos de Diamantina, es a través de las capistranas que se mueve el sujeto. Por eso, te proponemos visitar las capistranas de esta ciudad. Entonces, durante este viaje, una angustia nos puso en un estado de cuestionamiento. ¿Qué es el patrimonio? ¿Qué es esta herencia? ¿Para quién? A través de las capistranas de Diamantina lanzamos las preguntas orientadoras de este trabajo. ¿Qué es la libertad? Al vivir en una ciudad catalogada como patrimonio cultural, ¿cuál es la relación entre libertad y patrimonio? ¿Cuál es la relación del lugar con el patrimonio? Con este texto pretendemos buscar una posible contribución de Sartre a la Geografía que pueda ser mejor explorada y, sobre todo, operacionalizada en términos metodológicos.

Palabras-clave: Libertad, Lugar, Diamante, Experiencia.

Descendo pelas capistranas

O pensamento humanista na Geografia emerge de um movimento na geografia norte americana, propondo uma possível renovação das matrizes epistemológicas, metodológicas e ontológicas, conduzidas pelos geógrafos, a saber: Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph, David Lowenthal, David Seamon, dentre outros).

Esse movimento reuniu geógrafos que desejam construir uma geografia constituída de humanismo, de imaginário, de pensar a Geografia para além da academia. Uma Geografia construída a partir da experiência e centrada na existência do ser humano. Então, esse movimento fez com que esses geógrafos procurassem estabelecer a matriz filosófica sobretudo ancorada na fenomenologia, ou podemos dizer nas fenomenologias correspondentes a cada um fenomenólogo, como por exemplo, Bachelard, Merleau- Ponty, Edit Stein e Heidegger foram filósofos que amplamente fizeram parte da constituição da Geografia Humanista enquanto corrente de pensamento.

Outro filósofo pensador da fenomenologia existencial como uma potência da realidade humana é o Jean-Paul Sartre. O pensamento de Sartre parte da preocupação existencial com o homem e suas atitudes, escolhas e liberdade. Pensar questões existenciais sob a luz da filosofia sartreana é partir do próprio para-si, ou seja, do ser que conscientemente pensa algo para fora e se encontra com o em-si como a coisa dada. Porém, esse pensar para-si existencial pouco se tem referências na bibliografia da Geografia Humanista, então lançamos mão de um desafio que é o de fazer um pensar brotado na potência de uma Geografia pensada a partir do existencialismo-fenomenológico de Jean-Paul Sartre.

Consideramos que há uma contribuição possível de Sartre à Geografia que pode ser melhor explorada e, sobretudo, operacionalizada em termos metodológicos. Apontamos como principais objetivos desse texto, encaminhar uma proposta de pensamento para Geografia Humanista baseada na fenomenologia existencial sartreana. Pois, a partir dos desdobramentos sobre a liberdade e patrimônio, investigamos as responsabilidades que cada homem enquanto um ser-em-situação tem a se fazer. Por isso, repensar as Geografia Humanista em um solo existencial corresponde a deslindar de modo subjetivo a realidade de cada ser-em-situação.

É neste sentido que nos propomos a realizar este trabalho que, recorrendo ao pensamento sartreano, nos ajude a re-pensar o patrimônio Histórico de Diamantina no sentido essencial, sobretudo no que tange o exercício da liberdade, conceito tão basilar de todo o constructo teórico do existencialismo "[...] o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer" (SARTRE, 1973, p. 15).

Ainda em Sartre,

> a liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos de liberdade não pode se diferenciar do ser da 'realidade humana" (SARTRE, 2015, p.68).

Para desvelar os sentidos de liberdade implicados no patrimônio histórico da cidade de Diamantina, partimos da experiência. Sendo assim, partimos da nossa experiência em mistura a experiência do outro, dando atribuição ao sentir experienciado.

Será que quando estávamos à deriva caminhando pelas capistranas de Diamantina, nós já não estávamos sendo tocados? Nos

corredores das ruas apertadas de Diamantina, acabamos por fazer caminhos tortuosos por entre as capistranas, num dia qualquer à deriva me deparo com uma ladeira, com casas apertadas, janelas coladas um ar puro de barroco.

Pelas capistranas[1] eu desço à ladeira. A frágil espinhosa trepadeira "rosa" guia-se pelo caminho azul da janela exuberante. Portas com trincos velhos demonstram que o tempo ainda não passou. Continuo descendo, vejo o sino, estou numa igreja, é velha! Seu muro é alto, suas cores vibrantes. Hoje é dia de festa em Diamantina, dia das ruas terem vidas. Ouço o barulho do vento, o roncando do motor, está subindo nessa ladeira um carro. Vou descendo, quero chegar à esta rua viva...

A permanência do branco é indiscutível. Ouço conversas, o cheiro da cor de madeira, exala em meu nariz é muita serragem. Continuo descendo, vejo as folhas correrem devido o vento, cheguei aqui onde as flores são mortas, porém vivas. Estou sentado em um banco, mas a cidade ainda se esgota de pessoas.

Então, no decorrer desse caminhar que a angustia nos colocou em estado de questionamento. Que patrimônio é esse? Para quem o é? Pelas capistranas de Diamantina lançamos as perguntas norteadoras deste trabalho. É possível ser livre em uma cidade tombada? Que liberdade é essa? Que é liberdade? Ao morar em uma cidade tombada como patrimônio histórico cultural, qual a relação que existe entre a liberdade e patrimônio? Qual a relação do lugar com o patrimônio? São estas as questões que nortearão nossa

[1] Capistranas refere-se relação ao calçamento de Diamantina na área central, onde fora instalado uma faixa de pedras largas e regulares no centro da rua de calçamento de pé de moleque. Dando destaque para a faixa principal calçada e as laterais em piso de terra batida ou pé de moleque. Isso tudo por volta dos anos de 1700.

investigação a partir de um aporte teórico ontológico-epistemológico que se situa entre aquelas que (re)pensam as bases da ciência e do conhecimento.

Os caminhos deste trabalho nos conduziram a várias capistranas, entre cada rua que passava algo me era despertado. Partimos então do caminhar como fonte inesgotável de conhecimento e experiência, caminhar pelas capistranas de Diamantina é conseguir perceber que a vida diamantinense se passa por meio delas, as grandes pedras no meio das ruas guia o diamantinense (ou visitante) no seu ir e vir cotidiano. O caminho se projeta a partir da experiência vivida. Nas capistranas, passam grande parte dos diamantinenses rumo a escola, a trabalho, a universidade, logo, ela está fortemente ligada a existência do ser, mesmo não sendo percebida.

A experiência se dá no próprio conhecer o mundo e a si mesmo, é no momento do ser lançado que a experiência presentifica o ser. Então, experienciar as capistranas de Diamantina, é poder dar asas ao imaginário de andar entre as ruas, becos, praças, bancos. Somos seres existenciais e por isso necessitamos das nossas experiências para dar sentido à vida. De modo geral a

> experiência geográfica é um fenômeno completo, que envolve nossa relação com o mundo de maneira essencial. Ela se dá pelos sentidos, envolvendo intuição e razão, operadas pela percepção, sensação e entendimento (MARANDOLA JR. , 2012, p. 42).

Nessa percepção, afirma Marandola Jr. (2014, p.202) que "é a forma primária e essencial de nossa relação com o mundo. A percepção do espaço implica no reconhecimento do "eu" fundado em uma corporeidade que não se separa, media nossa relação com o meio". É todo o conhecer o mundo, é o perceber que nos faz experienciar ao nosso redor. "Perceber é conhecer, tantos objetos

materiais (sensíveis) quanto objetos ideais (abstrações)" (MARANDOLA JR. 2014, p. 202).

Afirma Holzer (2016, p.144) que o caminho

> permite o reconhecimento e a descrição das "essências" da estrutura perceptiva, rejeitando as aproximações mecanicistas da ciência e valorizando o mundo da experiencia humana, também a intencionalidade humana, ou seja, como o ser se relaciona com o mundo.

Partindo da ideia do autor, essa descrição das essências, é descrever o mundo como ele nos aparece, suspendendo as nossas noções *a priori* de conhecimento e deixar que o mundo nos revele algo inédito.

Por isso todas conversas que se tem ao longo do trabalho sobre patrimônio, sobre liberdade e lugar são falas são oriundas de diálogos sem amarras, na corrente de pensamento da geografia humanista de base fenomenológica, então, pelas capistranas procuro estabelecer este voltar-se.

Nesse trabalho partimos da ideia da fenomenologia como potência de pensamento para uma ciência centrada na experiência e na existência. Epistemologicamente falando, a relação consciência-mundo. Portanto, é ir pelas e em diversos dias e horários, sem nenhuma amarra de questionário ou ferramentas do gênero. Apenas um diário, uma caneta, nesse percurso em situação é que a as questões emergem e tomam corpo.

Como fundamentação metodológica, propomos um trabalho que contasse com trabalho de campo de observação participante, no entanto, sem o intuito de perguntas chaves e entrevistas estruturadas, pois, o mesmo "nos coloca em direto com o mundo, levando-nos a conhecer (relacionar-se) os existentes (experiências singulares) ao mesmo tempo em que temos, nós mesmos, a experiência do objeto de investigação" (MARANDOLA, JR., 2014, p. 210).

No caminho aqui proposto, elenco a proposta de Sartre (2010; 2007) que corrobora em descrever as situações a partir da ontologia fenomenológica. Ou seja, a nossa preocupação esbarra em descrever as situacionalidades da experiência de quem habita o patrimônio histórico da cidade de Diamantina-MG. Ainda com Sartre (1987) pois, é relevante que uma pesquisa não deva conter traços de definição prévia, e sim, serem investigados em situação relacional.

Sendo assim, Marandola Jr. (2006) expressa que na relação de andarilho podemos nos relacionar com as fenomenalidades do vivido. Sentir a situação e descrevê-la como processo hermenêutico passa a ser então uma possibilidade de investigação desse trabalho. Outra proposta que acredito potencializar a escuta situacional refere-se a escrita dos diários de campo (DAL GALLO, MARANDOLA JR. 2010; MARANDOLA JR, DE PAULA, PIRES. 2007).

Entre as capistranas

Para compreendermos como este caminho se apresenta, precisamos entender como o patrimônio é pensado, para isso perguntamos: Que é, então patrimônio?

Tombar uma cidade é "evitar que o proprietário faça alterações, ou mesmo destrua a coisa, eliminando vestígios de fatos, épocas, do interesse da sociedade, ou ainda as áreas de interesse paisagístico" (ALVES,2008). O tombamento, entendido como instrumento principal para a preservação do patrimônio cultural está previsto no artigo 216 da Constituição Federal:

> O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988).

Mas é preciso cautela ao escrever sobre o tombamento uma vez que ele pode ser visto e pensado de várias maneiras. Ele tem por

premissa garantir a preservação do bem tombado, e muitas vezes isso gera desconforto nas pessoas que se relacionam com estes bens. Entendendo o processo de tombamento, Caldeira, (1997, p. 147) nos aponta que:

> O ato de tombar uma edificação ou outro artefato é inicialmente apoiado por uma recomendação oficial que é enviada ao IPHAN. Então, membros da equipe do IPHAN, com o intuito de cumprir este requerimento, coletarão documentos, incluindo todas as referencias importantes à construção ou objeto de interesse. Serão anexadas pesquisas e desenhos contendo medidas e fotografias, assim como informações históricas. Depois de aprovado pelo escritório central do departamento, os documentos são enviados para o escritório central do IPHAN que discutirá os documentos com membros do Conselho Consultivo, com o objetivo de estudar cada caso, produzindo deste modo a conclusão final. A aprovação ou desaprovação será seguida por um relatório escrito contendo as opiniões conclusivas e explicando a decisão final.

Se por um lado, o tombamento contribui para a preservação das características peculiares, do orgulho das manifestações populares, da paisagem mineira do casario colonial, por outro ele pode congelar a cidade que deixa de se modernizar com o modo de vida pulsante. Como, por exemplo, em Diamantina lidamos com o pavimento de pedras irregulares que compõe o patrimônio histórico-cultural tombado e, mas que outro lado, limita os portadores de deficiência motora ou visual e idosos de se locomover pela sua cidade.

Uma moça que tinha acabado de ter seu filho, relatou sua dificuldade de chegar até o hospital em trabalho de parto devido aos solavancos do calçamento desuniforme. Outras pessoas com a qual conversamos tenta nos convence que, se Diamantina fosse no estado de São Paulo, ela seria palco de grandes novelas brasileiras, porque ela é muito bonita, e precisa só dar uma melhorada no calçamento.

Diamantina hoje figura entre os sítios históricos urbanos mais importantes do país. Tornou-se patrimônio da humanidade, reconhecido pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura – em 1999,

> pelo casario colonial dos séculos XVII a XIX de influência do barroco português de construções alicerçadas e estruturadas com madeira [...] a cidade se distingue pelo uso predominantemente residencial, boa preservação da arquitetura e padrão urbano em perfeito alinhamento ao entorno pedregoso em uma cidade estratificada por uma altitude maior que 150 metros entre seu ponto mais alto e mais baixo.

O patrimônio durante muito tempo foi pensado como sinônimo de conservação de história do lugar ou de uma cultura. Françoise CHOAY (2006, p. 11) em *Alegoria do patrimônio* escreve que o "patrimônio, esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada as estruturas familiares, econômicas e jurídicas de sociedade estável enraizada no espaço e no tempo". Ele está sendo imaginado como uma categoria de pensamento fruto das contribuições originais da tradição antropológica. (GONÇALVES, 2009).

Acreditamos que a noção de patrimônio é uma abertura para um processo histórico, social e antropológico. Ele vai além de objetos estáticos e materiais, está na memória, no pertencimento do lugar, presente na vida dos habitantes.

O pertencimento com o lugar advém justamente da relação intrínseca que temos com ele. Isso devido, pois, "o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade – lugar" (CARLOS, 2007, p. 17). Estamos a todo momento sendo rodeados pelo lugar, centrados na experiência do mesmo. Do mesmo modo, nas cidades, por exemplo,

> produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço

> passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

Por intermédio do lugar, o patrimônio institucionalizado pelo IPHAN está ligado à proteção dos bens materiais e imateriais de uma sociedade. Isso acaba gerando uma inquietação em alguns moradores de cidades tombadas. Uma diamantinense disse que sem o patrimônio e a proteção do tombamento, Diamantina não existe. Considera que ela precisa ser desta forma, pois, a história que se tem da cidade é essa. Ou seja, ela parte da ideia de que o patrimônio revela e traz para o presente, lembranças de um passado que deve permanecer fixo. Ela acredita que o patrimônio é a essência de Diamantina. Já para outro morador do centro histórico, o patrimônio restringe algumas vontades, ele acredita que os órgãos oficiais não precisam ser tão rígidos como são.

Para nós, patrimônio é e deve ser fruto da relação dos sujeitos com seu lugar, que, quase naturalmente projetam no ambiente suas relações, percepções, concepções, cultura e experiência, pois,

> (...) a conservação de bens patrimoniais deve ter por objeto edificações que tenham um significado coletivo para determinada comunidade, pois se perpetua a memória de uma sociedade preservando-se os espaços utilizados por ela na construção de sua história (TOMAZ, 2010, p.5).

Entendemos assim, que a efetivação do ato de conservar se dá à medida que está em harmonia com o sentido de pertencimento do lugar.

De acordo com WELLS (2015, p. 4)

> uma característica singular das profissões que trabalham a conservação do patrimônio e ambiente construído seja que, por lei, elas precisam valorizar o lugar, ou seja, determinar o "significado" de construções antigas, estruturas, lugares, e paisagens que levam ao tombamento local, estadual, federal e mundial.

Já a preservação de um bem patrimonial está na conservação dos artefatos, e na memória. Ainda com Tomaz, 2010 a preservação é necessária pois:

> A preservação de bens patrimoniais deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinada época, pois o que tende a ser conservado sempre será o objeto considerado valioso, seja pelo valor do material de que é composto, seja por uma herança histórica ligada a uma personalidade ilustre e por isso mesmo dominadora. (TOMAZ, 2010, p 5).

Em uma situação ideal não seria se quer preciso a legalização de instrumentos de conservação patrimonial oficiais, uma vez que, ele parte da própria existência está inscrito no corpo e nas expressões objetivas, subjetivas e intersubjetivas de uma população. Desta forma, a conservação é um ato de prolongamento do amor e do cuidado com o lugar que não exige em-si um "congelamento" do lugar já que pessoas, culturas e comunidades são dinâmicas seus lugares são dinâmicos à a mesma medida.

Na área do centro de Diamantina, há o Largo da Quitanda, área proibida para circulação de veículos, e de intensa frequência de pedestres, comércio e, sobretudo, bares e restaurantes com mesas que ocupam a bucólica rua. Reconhecida área turística também apresenta lojas de artesanato e a constante presença de artesãos que expõem seus produtos nas calçadas. Em meados de agosto a prefeitura lançou uma nota em seu site que diz o seguinte:



Figura 1 Fonte: Quadro de Informações Fonte: Site da Prefeitura de Diamantina Data: 23/08/2017.

Ao nos depararmos com este informe, foi difícil superar o paradoxo evidenciado entre o *slogan* da Prefeitura Municipal de Diamantina, "Nosso Maior Patrimônio é Você!" e o comunicado que exclui "hippies" e "artesãos nômades" do centro da cidade (o local destinado fica fora da área comercial e turística da cidade), em uma política claramente higienista. Voltei à as capistranas para conversar.

De fato, onde os artesãos ficavam, hoje não há mais ocupação. No entanto, encontrei um artesão em um local próximo, na Praça do Mercado Velho. Ele disse que estava sabendo da nota, mas que assumia o risco de ficar lá e esperar os guardas. Ele me relatou que foram os comerciantes do centro histórico que solicitaram à a prefeitura, a retirada dos "hippies", que eles entendiam que atrapalhavam o comércio.

Ao retornar dessa conversa na subida de um dos vários morros diamantinenses, se deu o encontro com mais três artesãos, que relataram que os fiscais da prefeitura pediram para que eles se retirassem do centro e se deslocassem para uma área não faz parte do centro histórico.

Surgem então novas questões: é possível ser livre em uma cidade tombada? Que liberdade é essa?

Que é liberdade?

O homem é livre, ele é pura liberdade. É a liberdade, por conseguinte, que dá fundamento aos valores. Se o homem é totalmente livre, é consequentemente, responsável por tudo aquilo que escolher e fizer. O homem age intencionalmente, premeditando a ação porque é livre, utilizando-se da razão, que o diferencia dos demais animais. O homem é liberdade em seu próprio ser (SILVA, 2013).

Exercer a liberdade é ter escolhas, incluindo a de não fazer escolhas. Por isso, afirma Sartre: o "homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer" (SARTRE, 2010, p. 33). Sou as minhas escolhas.

Começar a entender sobre liberdade partindo da seguinte premissa: "a liberdade é o encontro das liberdades situadas que ensejam o processo da história" (LIMA, 2009, p.13). O processo histórico e geográfico é crucial para entendermos a essência liberdade.

A liberdade é ação do existir ela se faz por meio de nossas escolhas, e essas escolhas são os nossos projetos de existência. Quando indaguei de uma comerciante do centro histórico sobre como era a relação de liberdade na sua loja, ela disse, que era super tranquilo, fazia o que ela queria, dentro do recinto, a fachada deve ser mantida, com o padrão barroco. Ela encontra a sua própria liberdade no seu serviço, ela faz o que gosta, movimenta seus móveis quando necessário.

Nossa liberdade interioriza o exterior e exterioriza o interior. (LIMA, 2009 p.14) Ela acaba com o seu passado e o projeta para um futuro. É um abismo de possibilidades e de angústias. O homem se faz a partir das suas escolhas, ele constrói um projeto de

ser, para se encontrar diante dos outros. Eu só sei que sou, porque manifesto para alguém e esse alguém me dá presença.

A liberdade para Sartre não é "uma categoria ou mais uma característica do para-si, é sua constituição ontológica (RENAULD, 2013 p.297). A liberdade precede a essência do homem, ela é constituição dele enquanto existência e relação homem-mundo.

Para tanto afirma Sartre:

> Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim a condição exigida para a nadificação do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre as outras coisas à essência do ser humano. Por outro lado, já sublinhamos que a relação entre a existência e a essência não é igual no homem e nas coisas do mundo. [...] Logo, aquilo que chamamos de liberdade não pode se diferenciar do ser da 'realidade humana". O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença do ser do homem e seu "ser-livre". Portanto, não se trata aqui de abordar de frente a questão que só pode ser tratada exaustivamente à luz de rigorosa elucidação do ser humano; precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita em que condiciona a aparição deste (SARTRE, 2015, p.68).

A liberdade expõe a autenticidade do homem, ela põe à prova o exercício de existir. O homem se lança e enuncia a liberdade como parte de seu todo. Na quarta parte de *O ser e o nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica,* Sartre titula o capítulo "Ter, ser e fazer" dos quais caracteriza como categorias cardeais da realidade humana, que é a dessas matrizes que permite clarificar a conduta do para-si. Para Sartre, liberdade não é uma característica ou qualidade a mais no homem, como se, além de ser homem, se fosse livre. Mas não, o homem é livre, liberdade e homem são a mesma em sua filosofia. Em

que se fazer, agir, ou seja, ter escolha, é tentar ser. Somos conduzindo pela ação-escolha. (RENAULD, 2003, p.294)

Todo ser tem previamente uma abertura para ter, ser e fazer escolhas, e essas escolhas são as respostas da realidade humana, ou as questões motivadoras da existência humana. Um morador de Diamantina vive em faixa de transição entre a linha de tombamento do IPHAN e da cidade não tombada. Ele critica e diz que o patrimônio impede o crescimento de Diamantina, que ele não consegue fazer reforma na casa. Ele possui escolhas de permanecer ali, morando e confrontando com o IPHAN.

Por outro lado, um restaurante ficou fechado para reforma durante um ano. O restaurante se localiza no coração no patrimônio arquitetônico de Diamantina. Esse mesmo restaurante alterou todo seu interior mantendo apenas a fachada com revitalização. O dono do restaurante, me afirmou que o IPHAN não viu restrições para a devida reforma, desde que não descaracterizasse a fachada do mesmo. Pelo contrário ainda o elogiou por estar cuidando do patrimônio. Assim, o proprietário começou a reforma, era apenas um piso de restaurante, com a reforma viu a possibilidade de furar o subsolo e fazer um outro espaço de convivência do qual hoje é um café. Daí vemos a via de mão dupla, as liberdades estão sendo constituídas, porém cada diamantinense se manifesta e se sente afetado pela relação permanente do lugar. Tudo depende de como o ser compreende e vivência sua própria experiência.

Jean-Paul Sartre afirma que “negar a liberdade que se tem é covardia” (MEMORIAL, 2001, p. 06). Covardia no sentido de que a liberdade é a realização do ser, como se fosse a totalidade do homem. Não tem como recusar a liberdade, uma vez que a mesma é a consciência de ser.

Liberdade é como costura do ser-no-mundo, ela tece a vida por meio de escolhas e caminhos "Cada um faz o seu próprio caminho, pois o homem antes de tudo é um projeto: "não é senão o seu projeto". Ele "só existe na medida em que se realiza. Nada mais é do que o conjunto dos seus atos. Nada mais do que sua vida". Heidegger chamava isso de Dasein "o ser que tem que se fazer" (MEMORIAL, 2001, p. 06).

O caminho da liberdade se funda na vivência do homem, somos provados a todos os instantes a escolher, sempre temos algo em que decidir, e as escolhas são basicamente pensadas no outro, como que a minha escolha irá impactar o outro, para isso

> a liberdade é o fundamento de todos os valores. Todavia, no nosso desejo, no nosso afã por ela, descobrimos que a nossa liberdade depende inteiramente dos outros, o que forçosamente nos obriga ou nos compromete a sempre querer a liberdade dos outros." (MEMORIAL, 2001, p. 06)

O homem é liberdade em seu próprio ser, ele só é em situação, ele escolhe como uma projeção, uma vez que a liberdade é "o fundamento da existência e está se traduz pela necessidade do para-si ser constantemente escolha onde não há uma distância abissal entre liberdade e escolha" (LIMA, 2009, p. 28-29) logo, escolher é classificar a sua liberdade, é empodera-la de seus desejos e vontades. Pois ela se realiza pela escolha de um projeto, e esse projeto é que mantém a nossa existência no mundo.

No projeto que é a vida do homem, afirma Pádua (2013, p.27), que "o homem possui consciência de si, isso permite compreender como ente separado das coisas." e que "a liberdade garante que a percepção vá além do que realmente existe, ganhando contornos da imaginação. (...) O homem comanda seu mundo e, para isso, reduz o outro a um objeto em seu mundo." (PÁDUA, 2013, p.27).

Cassiano Reimão (2005) aponta que a natureza do homem é projetar-se para um futuro, que o ser livre é estar condenado a ser livre, é carregar o fardo da existência mediantes as situações encaradas. O homem é aquilo que ele faz. (REIMÃO, 2005, p.17) Existir é estar-aí em situação, é ser visto, é ser afetado. Porém eu só existo mediante o outro. O outro me dá a existência, e a busca constante é pela liberdade em si, como aponta Sartre (2010, p.55):

> Queremos a liberdade pela liberdade e através de cada circunstância particular. E, ao querermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente dos outros depende da nossa. Sem dúvida, a liberdade como definição do homem não depende do outrem, mas uma vez que existe a ligação de um compromisso, sou obrigado a querer ao mesmo tempo a minha liberdade e a liberdade dos outros; só posso tomar a minha liberdade como um fim se torno igualmente a dos outros como um fim. (SARTRE, 2010, p.55).

Liberdade e lugar existencial

Kadu, um dos artesãos que conversei, vende sua arte na rua, e disse que quando está em Diamantina se sente pertencente a ela, uma vez que o lugar Diamantina o abraça. Ele é atraído pela relação de situação ao lugar. Kadu, não possui residência fixa na cidade e o mesmo possui laços com o lugar, então como compreender o sentido de lugar? Que vem a ser um lugar? Todos os lugares são existenciais, a partir do momento que o homem o constrói, o significa. O existir do ser está na relação dele com o mundo, está na proximidade com as coisas e com as pessoas.

Entendemos que "a concepção atual de lugar é de tempo espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o *lugar,* o movimento, a matéria." (OLIVEIRA, 2012, p.5) Logo, o lugar se dá no instante que lugarizo mediante um tempo, é preciso

estar em situação para sentir o lugar. O lugar é acontecimento, é pausa, é ressignificação, é imensidão corpórea, é contato, repositório de significados, lugar ainda é memória, consciência. Enfim, lugar e seus sentidos e suas variações, só as descobrimos quando nos deslocamos nele. Lugar parte de uma interpretação do sujeito que o presentifica, ele

> tem espírito e personalidade. Espírito porque os lugares carregam emoções. Lugares nascem, por exemplo, do sagrado, do carinho da avó, do apoio da vizinhança. Personalidade pois os lugares são os contextos físicos e as modificações forjadas pelas pessoas que ali viveram e pelas que ainda vivem (PÁDUA, 2013, p.47).

Para Oliveira (2012) o sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua vez, o sentido de tempo. Lugar se dá no momento do ser-afetado entrar em relação com ele. É se sentir pertencente ao lugar de morada, origem, passagem. Como Diamantina é para seus moradores, uns com uma maior intensidade de relação e outros nem tanto.

Uma diamantinense afirma que o patrimônio vivifica Diamantina. Ou seja, o sentido de lugar patrimônio está vivo na presença dessa moradora. Lugar é o tempo lugarizado, pois, é no entre do espaço e tempo, que o sentido de lugar acontece. (OLIVEIRA, 2012, p.5). Nesse caso percebemos que o lugar é em circunstância, pois, o "lugar faz parte de nosso cotidiano e como é a partir dele que nos inserimos no mundo. É pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo" (MARANDOLA JR. 2014, p.228).

Marandola Jr (2014, p.244) escreve que a

> constituição do lugar e do eu são dissociáveis, pois, têm os mesmos processos constitutivos, operando nos dois polos: eu-lugar. Ambos compõem a centralidade egocêntrica da circunstancialidade do ser-no-mundo.

Logo, o lugar é a extensão do ser-no-mundo. Não existe eu sem lugar e nem lugar sem eu, esse lugar não é necessariamente algo

físico, estático e material, ele é "algo dinâmico que se constrói a partir da circunstancialidade do ser-no-mundo" (MARANDOLA, JR. 2014, p. 245).

Apenas nós conseguimos traçar elementos que caracterizam o nosso sentido e lugar. Na visão de Holzer (2016) "o significado básico de lugar é ser essência, pois" "um lugar é centro de ação e intenção, ele é "um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência." (RELPH, 1976, p.42-43. Apud HOLZER, 2016, p.184). O lugar repercute como nossa extensão da existência humana, ele é continuidade da nossa experiência vivida.

Holzer (1999) nos chama atenção para o que Tuan (1979) acha dos lugares:

> Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (fields of care), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1979, apud HOLZER, 1999, p.70).

Para compreender o lugar, primeiramente é partir da sua própria experiência de mundo, seu cotidiano que determina suas vivencias e atitudes. Como disse Dardel em 1952, evidenciava que a geografia era o chamado para mundo vivido. Para ele, o homem, enuncia o mundo de forma inevitável, na forma com ele rodeia o mundo.

Ou seja, a "experiência geográfica" (DARDEL, 2011, p.47) convida o homem para se fazer presente nos lugares. Entender essa experiência geográfica é estar-no-mundo, e poder compreender que os "lugares se configuram como uma base existencial, pois, são neles em que se estabelecem relações mais imediatas por meio das quais

os sujeitos edificam os pilares de seu ser: nosso mundo de coisas nossas interações interpessoais" (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2010,p 175).

Mas como dissemos nos parágrafos acima, as noções acerca do lugar são várias, assim também é o seu sentido. Há pessoas que por motivos não se sentem confortáveis estando no centro histórico de Diamantina. Sentado em um bar, iniciei uma conversa sobre a Vesperata de Diamantina, nessa conversa o dono do bar, disse que a Vesperata é segregativa, atende apenas o público que paga pela sua mesa, e os demais se quiserem ver devem ficar em pé na calçada. Ele disse que uma vez por ano, podia ter uma Vesperata[2] para os diamantinenses em geral.

Pensando ainda na ideia de liberdade, ela antecede a formação do lugar, é pela liberdade que escolhe mover ou parar, é pela liberdade que identificamos um lugar de morada, de paragem ou até mesmo de movimento. Para esse sentido, a liberdade é formadora do lugar enquanto situação.

Refletindo sobre a potência do pensamento sartreano, existir é condição humana assim como a liberdade não é atributo, logo, o emerge da existência e da liberdade. Por isso, os moradores do centro histórico possuem seus sentidos de liberdade atrelada com o patrimônio e com o lugar.

[2] "A Vesperata é um concerto noturno, composta por Bandas de música que se apresentam na tradicional Rua da Quitanda, no centro histórico de Diamantina. Apresentação musical na qual os músicos se posicionam nas sacadas dos casarões coloniais da rua e o público prestigia acomodado em mesas, divididas por setores pelos quais poderão degustar do serviço de gastronomia local. A Vesperata é símbolo do turismo e da cultura do Brasil, já premiada pelo Ministério do Turismo por promover a Sustentabilidade Cultural de Diamantina". Disponível em: (https://minhasgerais.com.br/diamantina-e-regiao/vesperata-em-diamantina/)

Subindo pelas capistranas

Tive que voltar a caminhar, passo margeando as capistranas para me sentir próximo delas, e encontro com os diamantinenses no seu ir e vir do dia a dia, me marca a presença de uma cidade viva. Os sentidos de liberdade se expressa em seu lugar, se Diamantina é o lugar para o diamantinense, de fato ele está exercendo a liberdade essencial de ser. Margear assim como Sartre nos margeou nesse trabalho, dando a sustentação para a efetivação do texto. Os sentidos listados de liberdade proposto por Sartre e o próprio sentido de liberdade do ser humano a partir da experiência, só denuncia uma possibilidade de geografia sartreana. Refletir sobre Diamantina e o pensamento existencial é partir da sua própria existência.

Diamantina ao mesmo tempo em que é berço tradicional do barroco, é também polo regional de saúde, sede da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, essas potencias se mesclam e os diamantinenses possuem experiências diferentes de patrimônio a partir da lugaridade que cada um atribui. Essas características de Diamantina apenas potencializam o direito de existir em liberdade. A situação que cada sujeito é dado se manifesta de forma diferentes e arbitrárias umas com as outras. O citadino diamantinense ou visitante, turista, nômade, hippies, é dotado da liberdade e a partir dela se situa em uma determinada maneira.

O diamantinense, visitante, turista, hippie, nômade, apontam várias maneiras de se fazer presente no centro histórico, mesmo não concordando com os apontamentos postos pelo IPHAN ou algum outro órgão fiscal. A liberdade não é rompida ou limitada pelo patrimônio, ela é compreendida a partir da relação com o lugar. A toda uma dança de ideias acerca do patrimônio, ideias essas que precisam vir a luz, para que tomemos consciência delas. A liberdade

é a expressão da existência dos moradores enquanto situação. A liberdade satreana provoca o sentido existencial do homem, é o mais puro sentido ontológico da existência, e é nesse sentido que foi proposto esse trabalho, investigar a potência do pensamento sartreano para uma geografia existencial.

O patrimônio tombado para alguns moradores é a salvação de Diamantina, e para outros, a condenação. Para uns o patrimônio limita, outros possibilita avanços, para uns o retrato de uma história, para outros um recorte do passado. Na memória de cada um está marcada a afetação que o lugar o feriu.

Aventurar pelas linhas sartreanas e outros autores que costuraram e alinharam as ideias como uma possibilidade de um pensar geográfico existencial partindo das premissas sartreanas de fundo fenomenológico-existencial, para pensar na liberdade como fundante do lugar e pensar o patrimônio como uma situação. As bases da geografia humanista norte americana como dissemos, pensaram em epistemologias para esse fazer, cabe a nós pensarmos na operacionalização desses pensamentos, e foi isso que planejamos fazer com esse trabalho.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Alexandre Ferreira de Assumpção. O tombamento como instrumento de proteção ao patrimônio cultural. **Revista Brasileira de Estudos Políticos,** v. 98, 2008, pp. 65-98.

ARRUDA, Francimar Duarte . A questão do imaginário: a contribuição de Sartre**. Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

BRASIL. **Constituição (1988):** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF:Senado Federal:Centro Gráfico, 1988.

CALDEIRA, Altino Barbosa. A conservação das cidades históricas e do patrimônio arquitetônico no Brasil, com referência especial ao Estado de Minas Gerais e à cidade de Mariana. Tese para o grau de Doutor em Filosofia (PhD) Tradução de Letícia Carolina Teixeira Pádua (2002). The University of Sheffield School of Architecture. Setembro de 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 288 p.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O método do diário: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v.4, n.3, Ago 2010.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Experimentações em Diamantina. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado** 1938-1967- São Paulo, 2010. 224 p.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, 320 p.

HEIDEGGER, Martin. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmastad", publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback

_____. **A caminho da linguagem.** Petrópolis: Vozes, 2003

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista.**Revista Território**, Rio de Janeiro 4.7 1999 pp. 67-78

_____. **A Geografia Humanista:** sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016. 392 p.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872 Acesso em 23/08/2017

MEMORIAL, do Memorial do Rio Grande do Sul. **Cadernos de história**.

LIMA, Walter Matias. **Lições sobre Sartre**- Maceió: EDUFAL, 2009. 131p.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARANDOLA JR., E.; DE PAULA, F. C.; PIRES, M. C. S. Diários de campo: aproximações metodológicas a partir da experiência metropolitana (Campinas e Santos). In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. 1ed.Campinas: **NEPO/UNICAMP**, 2006.

MARANDOLA JR. Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista Geograficidade, v.2, n.1, Verão 2012.

_____. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Bluncher, 2014, pp. 248.

PÁDUA, Letícia C. T. A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PREFEITURA Municipal de Diamantina. Site da Prefeitura municipal http://diamantina.mg.gov.br/ Acessado em 23/08/2017.

REIMÃO, C. Consciência, Dialética e Ética em J.-P. Sartre. Lisboa Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 2005.

RENAULD, Vinicius. O conceito de "liberdade" em o ser e o nada de Sartre: um recorte a partir do fazer do ter e do ser. **Sapere Aude**. v.4, n.8, 2013, pp.294-300.

SARTRE, J. P.. **Questão de método**. I: Sartre. Os pensadores. 3. Edição – São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **Saint Genet:** ator e mártir. Tradução Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____ . **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____ . **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. 15 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

TOMAZ, Paulo Cesar. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais,** v. 7, n. 2, ano VII, 2010.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar:** perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248p.

UNESCO. Historic Centre of the Town of Diamantina. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/890>. Acesso em: 17/07/2017.
WELLS, Jeremy. Aspectos Teóricos e Aplicados da Integração da Fenomenologia à Prática da Conservação do Patrimônio. **Geograficidade**, v.6, n.1, 2016, pp. 4-18.

Submetido em: 31 de agosto de 2021.

Devolvido para revisão em: 03 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 03 de março de 2022.

MOREIRA, T. R.; PÁDUA, L. C. T. Capistranas da Geografia: o patrimônio pensado a partir da fenomenologia existencial. **Terra Livre,** v. 1, n. 56, p. 182-207, Jan.-Jun./2021.